



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de instalação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em Cruz das Almas

Cruz das Almas-BA, 21 de março de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do estado da Bahia,
Meus queridos companheiros e companheiras de Cruz das Almas,

Eu, na verdade, não pretendo fazer um pronunciamento aqui, até porque toda vez que eu falo um partido entra com um processo contra mim, dizendo que eu estou fazendo campanha. Eu vou apenas dizer para vocês o seguinte: aqui tem muito jovem e vocês, num futuro muito próximo, irão descobrir aquilo que os nossos pais descubrem com muita facilidade: o maior legado que um pai ou uma mãe, por mais rico que seja, ou por mais pobre que seja, o maior legado que ele deixa para um filho é a sua formação profissional, é a sua formação acadêmica.

Da mesma forma vocês podem ficar certos, vocês que são estudantes, não sabem o orgulho que a mãe e o pai de vocês têm de saber que vocês estão cursando a universidade, vocês não têm noção. Da mesma forma que o maior legado que o Estado ou um governo pode deixar para uma nação é a quantidade de escolas que foram criadas no seu governo.

Seria importante que vocês, um dia, fizessem uma meditação para ver, nesses últimos 30 anos, 40 anos, quantas universidades foram criadas no Brasil, quantas extensões universitárias foram criadas no Brasil, quantas escolas técnicas foram criadas no Brasil e vocês comparassem tudo isso com os 36 meses do nosso governo para vocês verem o quanto nós avançamos. São quatro universidades federais novas, são seis faculdades transformadas em universidades, são 42 extensões universitárias. E por que estamos levando



as universidades para o interior? Porque, na verdade, quem tem que andar atrás do aluno é a universidade e não o aluno ficar perambulando pelas capitais atrás de uma vaga na universidade, nem sempre conseguindo a vaga, nem sempre podendo pagar moradia, nem sempre conseguindo estudar. Então, cabe à universidade sair das excelências das capitais e começar a adentrar o interior brasileiro, para que o jovem do interior tenha a oportunidade de ter acesso à universidade.

Mas não é apenas isso, nós não podemos ser um país que tem o faxineiro e o engenheiro. Este país, de 1998 para cá teve, por parte do governo federal, um abandono no ensino técnico, no ensino profissional. Escola técnica não era mais da responsabilidade do governo federal. Pois bem, só neste ano, até junho, vamos inaugurar 25 escolas técnicas neste país.

O que eu acho extraordinário é vocês compreenderem... O discurso do estudante aqui, as faixas são uma coisa extraordinária, uma conquista de vocês, da sociedade brasileira, é a conquista da democracia, em que a gente pode construir se manifestando, exigindo, cobrando. Eu tenho pena dos países em que não existe possibilidade de as pessoas cobrarem, reivindicarem, dizer o que querem.

Eu queria dizer aos estudantes: a reforma universitária não é uma reforma universitária do governo federal. No dia em que nós fizemos a reunião, com mais de 200 entidades de professores, de estudantes, da SBPC e de tantas outras, eu disse: eu não sou estudante, eu não sou professor universitário e eu não sou funcionário de universidade. Portanto, a reforma universitária vai entrar no Congresso Nacional e a sociedade é que tem que dizer que tipo de reforma interessa a este país.

Eu quero que isso fique muito claro porque agora, quando entrar no Congresso Nacional, é o lugar em que a sociedade, através das suas entidades, podem participar conversando com deputados e senadores, porque o que vai sair de lá será o que vai permear o funcionamento das universidades



para os próximos 20 ou 30 anos até que, outra vez, o povo saiba que precisa de uma nova reforma universitária.

Quero dizer para o nosso querido companheiro, eu esqueci o nome... Jason. Quero dizer para ele o seguinte: Jason, a Matilde que é a nossa secretária da Igualdade Racial – essa Bahia extraordinária que é, dentre todos os estados brasileiros, onde reside uma maioria de afrodescendentes – eu quero dizer para vocês que vocês deveriam pesquisar os últimos 100 anos no Brasil, se em algum momento teve a quantidade de meninos e meninas negras estudando na universidade brasileira. Só no ProUni no ano passado, de 112 mil vagas, 40% eram de meninas e meninos afrodescendentes. Este ano, me dizia o ministro da Educação: nós tivemos 91 vagas neste primeiro semestre e vamos ter mais 40 ou 50 no segundo. Nesse primeiro semestre, 40% foram de afrodescendentes.

Eu quero que vocês pesquisem se em algum momento da história do Brasil a gente teve a quantidade de estudantes negros e de indígenas, como nós temos hoje. Nós fomos criticados porque tivemos a coragem de dizer ao jovem da periferia, aquele que não pode entrar numa federal, de dizer para aquele que estudou no ensino fundamental público: você vai ter o direito de entrar numa universidade e nós vamos dar bolsa para você poder estudar neste país.

Da mesma forma que as cotas para negros serão uma realidade neste país. Este país não pode esquecer que nós não somos um país de uma única cor, aliás, eu acho que a beleza do Brasil, a alegria do Brasil está na nossa mistura, está na nossa mistura extraordinária que produziu este povo de múltipla cor, alegre, um povo que não tem preconceito, um povo que conseguiu, na Constituição, estabelecer uma igualdade. E eu estou aqui nesta cidade realizando um sonho porque quando eu passei aqui, em 1993, as pessoas me falavam, na Caravana: “Lula, precisamos de uma universidade”.



Eu não imaginava que fosse no meu governo que eu pudesse estar aqui dizendo: Eis a universidade sonhada por todos vocês.

Obviamente, Jason, que só este mês 4 milhões e meio já foram liberados para que a gente possa resolver os problemas hidráulicos, de energia, porque não tem sentido fazer uma universidade nova com as instalações totalmente deterioradas, ou seja, é preciso cuidar com carinho. No mais, gente, eu tenho 60 anos, vou viver mais 20 e quero voltar aqui daqui a dez anos para que a gente possa ver o que mudou na vida desta região, com a implantação desta Universidade Federal.

A partir de agora, virão aqui pesquisadores, virão aqui mais estudantes, terá mais hotéis, terá mais fábricas, as pessoas vão começar a gerar mais empregos, terá mais conhecimento. Esta cidade aqui será conhecida não apenas como a cidade que produz fumo, ela vai continuar produzindo fumo – olha o tamanho do charuto ali, em homenagem... – esta cidade, dentro de dez ou 15 anos, além de exportar tabaco para o mundo, vai exportar a inteligência do povo baiano, vai exportar o conhecimento do povo baiano, e é isso que vai mudar a cara desta região.

Por isso, eu quero agradecer aos meus companheiros Ministros, ao Prefeito e ao Reitor, quero dizer ao magnífico Reitor que se não fosse o trabalho dele e de outros reitores, nós não teríamos conseguido esse Plano de Expansão da Rede Universitária brasileira.

Eu tinha uma convicção, Reitor, que seria no meu governo que iria acontecer essa expansão universitária, sem nenhum preconceito. Mas eu fiquei analisando o que aconteceu no Brasil nos últimos 40 anos, criou-se uma, duas, três universidades por mandato. E eu compreendo que um cidadão que já se formou, que já foi para fora trabalhar, ele possivelmente ache que as pessoas que ficaram não precisam entrar numa universidade, porque no Brasil não tem uma perspectiva de pobre fazer universidade. Pobre nasceu, segundo a lógica deles, para ser peão, pobre nasceu para ser pobre, esse negócio de ter



diploma de doutor não é coisa para pobre. É assim que as pessoas imaginavam. Se você não é filho de gente de classe média, que pode pagar, você está fora, vai procurar emprego e se virar.

Mas, na nossa concepção, só tem uma coisa que não pode dividir a sociedade entre pobres e ricos, entre pretos e brancos, entre católicos e evangélicos, entre torcedor do Vitória e torcedor do Bahia, só tem uma coisa que não pode dividir, só tem uma coisa que não pode ser diferente: o Estado brasileiro tem a obrigação de garantir à criança mais humilde deste país a mesma qualidade da escola da criança mais chique deste país. É a educação que vai permitir a igualdade dos seres humanos e é por isso que aprovamos no Congresso Nacional, na Câmara, o Fundeb. Agradecemos aos deputados. Está no Senado e, certamente, vai se votar no Senado. Serão mais quatro bilhões e 300 milhões para o ensino básico neste país favorecendo, sobretudo, o povo do Nordeste.

E, aí, tem gente que fala: “esse Lula só pensa no Nordeste.” Eu quero dizer para vocês: eu sou pernambucano, devo a São Paulo tudo o que eu sou na vida, mas sou pai de família e eu sei que dentre os meus filhos, eu adoro todos, mas quando tiver um fragilizado, é aquele que vai merecer a minha atenção. E o Nordeste brasileiro, ao longo de quase todo o século passado, foi tratado como uma região de segunda categoria, o Nordeste brasileiro e o Norte do país. Eu me lembro, quando tomei posse e proroguei o tempo da Zona Franca, de Manaus, de 2013 para 2023, o salto que deu a Amazônia. Eu me lembro, quando (inaudível) discutir e fazer a refinaria lá em Pernambuco, a siderúrgica em Fortaleza, agora a Transnordestina, isso cria ciúmes em outras partes do Brasil.

Eu quero dizer para vocês que eu quero que o Brasil se desenvolva igualmente, só que tem estado que já aprendeu a andar pelas suas próprias pernas, e tem outros estados que, se não tiver a mão do governo, vão demorar



para chegar aonde precisam chegar. Por isso, o Nordeste brasileiro tem a nossa prioridade, por isso o Norte do país tem a nossa prioridade.

Se o Fernando Haddad tivesse falado aqui, ele iria falar para vocês: 90% dos doutores neste país são da região Sul e Sudeste, quase todo o investimento em tecnologia era para o Sul e o Sudeste; 80% do dinheiro do cinema era para o Sul e o Sudeste. O Pronaf, para a agricultura familiar, era Sul e Sudeste. Outro dia eu ouvi uma crítica ao Gilberto Gil e uma defesa. A crítica era porque diminuiu a quantidade, a proporcionalidade de dinheiro para o eixo Rio/São Paulo, mas foi para o Acre, para Rondônia, para o Amazonas, para a Bahia, para Pernambuco, para o Piauí, para Fortaleza. Então, na verdade, nós não estamos pensando num estado ou no outro estado, nós estamos pensando em 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, onde residem mais de 180 milhões de homens, mulheres e crianças. E o papel do Estado não é beneficiar um em detrimento ao outro, o papel do Estado é colocar, na mesa, comida para todos comerem.

Muito obrigado, gente, parabéns ao povo baiano, parabéns ao povo de Cruz das Almas.